



Memórias afetivas de Itapoá

Ficar em casa. Em tempos onde o isolamento social é recomendado e as residências são os lugares mais seguros, não poderíamos deixar de falar delas. Itapoá conta com muitas casas antigas e conhecidas e, hoje, a bela casa branca e azul à beira do balneário Princesa do Mar, estilo fazenda, vem nos lembrar como os lares são construídos e se mantêm sempre vivos com histórias e afetos.

Essa história se inicia em 1957, quando a família Serafini comprou terras em Itapoá e tudo começou a chegar de barco: como até então não havia estrada, animais e até casas atravessavam pouco a pouco a Baía da Babitonga, de São Francisco do Sul.

De Curitiba, a família veio quando o patriarca Mansueto Serafini foi nomeado engenheiro construtor da segunda estrada de ferro para ligar o norte do Paraná à Curitiba. Acabou conhecendo o litoral e decidiu, junto com um sócio, investir em agropecuária em Itapoá. Com o tempo, foi percebida a falta de vocação da cidade para o negócio e, a fazenda Remanso foi desativada, dando lugar ao Balneário Princesa do Mar. A área foi loteada com base em preceitos urbanísticos relacionados ao meio ambiente: ruas largas e áreas verdes. Junto a tudo isso, este local também virou o refúgio da família, que passava férias na grande casa construída em 1960.

Quem nos contou essa história foi Mônica Zuñeda Serafini, em 2014. Em 2018, com 97 anos, ela faleceu, mas deixou muitos ensinamentos para

a família, amigos e até desconhecidos como, por exemplo, manter uma casa antiga sempre viva.

Conforme Mônica, muitas foram as dificuldades encontradas para construir e até aproveitar a casa, pela carência de infraestrutura. Mas, com o tempo, além de local para veraneio, a casa se tornou seu lar fixo por cerca de 15 anos.

E assim, histórias por ali não faltam: um dia, depois de alguns anos sem visitarem a casa, a encontraram cheia de pessoas de uma excursão, que imaginavam que estava abandonada. Além de abandonada, a casa também já ganhou o adjetivo de assombrada: pessoas contam que já viram Mansueto, que faleceu em 1984, nos arredores do terreno.

Hoje, a casa ainda se mantém viva, não só nas lembranças, mas na construção de novas histórias: é lar do seu filho Werney Serafini e refúgio para toda a família nas férias.

Uma prova de que a memória e o afeto estão em todos os lugares e que podem e devem ser preservados junto com o presente e o planejamento do futuro. Você já reparou em todos as memórias afetivas que você tem com a sua casa? Aproveite esse momento para descobri-los e revivê-los.

Foto: Augusta Gern - 2014, A casa e Dona Mônica, em memória

Texto: Augusta Gern